
Ensino Comercial: Colégio Comercial Visconde de Cairu, São Paulo/SP (1954-2002)

Commercial Education: Colégio Comercial Visconde de Cairu, São Paulo / SP (1954-2002)

Educación Comercial: Colégio Comercial Visconde de Cairu, São Paulo / SP (1954-2002)

Garutti, Alessandra Maria Martins Gaidargi¹ (Aracaju, SE, Brasil)
ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-5626-5436>

Resumo

O presente artigo tem como temática central a história da instituição escolar Colégio Comercial Visconde de Cairu, no recorte histórico de 1954 a 2002, que corresponde ao seu período de funcionamento. Estabelecida na cidade de São Paulo, no bairro do Belenzinho, esta instituição educacional perpassou diversas fases da história educacional brasileira e uma série de mudanças legislativas, sendo sua trajetória marcante no processo evolutivo do ensino comercial no Brasil. Proposta a partir do referencial da dialética marxista investigativa, a história da instituição aqui apresentada se propõe ao estudo do todo a partir de particularidades, ilustrando mudanças na história da educação e a influência delas no desenvolvimento da escola de nível médio até os dias atuais.

Palavras-chave: ensino comercial, ensino técnico-profissionalizante, ensino profissional

Abstract

The main theme of this paper is the history of the school institution Colégio Comercial Visconde de Cairu in the historical section from 1954 to 2002 - which corresponds to its period of operation. Established in the city of São Paulo, in the neighborhood of Belenzinho, this educational institution went through several phases of Brazilian educational history and a series of legislative changes, with a marked trajectory in the evolutionary process of commercial education in Brazil. Proposed from the framework of investigative Marxist dialectics, the history of the institution presented here proposes to study the whole based on particularities, illustrating changes in education history and their influence in the development of high school to the present days.

Keywords: commercial education, technical education, professional education

Resumen

El tema principal deste artículo es la historia de la institución escolar Colégio Comercial Visconde de Cairu, en la sección histórica de 1954 a 2002, que corresponde a su período de funcionamiento. Establecida en la ciudad de São Paulo, en el barrio de Belenzinho, esta institución educativa pasó por varias etapas de la historia educativa brasileña y una serie de cambios legislativos, con una marcada trayectoria en el proceso evolutivo de la educación comercial en Brasil. Propuesta desde el marco de la dialéctica marxista investigadora, la historia de la institución aquí presentada propone estudiar el conjunto a partir de particularidades, ilustrando los cambios en la historia de la educación y su influencia en el desarrollo del bachillerato hasta la actualidad.

Palabras-clave: educación comercial, educación técnica, educación profesional

Considerações Iniciais²

A educação é marcada por constantes mudanças, um processo de adequação e readequação constante das sociedades. A compreensão deste fluxo

¹ Professora Doutora, atuante na área de Educação, Ensino e Pesquisa e em Comunicação. E-mail: alessandra.gaidargi@gmail.com

² Artigo baseado nos resultados da tese de doutorado de Alessandra Maria Martins Gaidargi (2018), que apresenta a documentação histórica completa e algumas trajetórias de dirigentes, docentes e discentes do Colégio Comercial Visconde de Cairu, além de trazer uma síntese da história do Ensino Comercial no Brasil.

mobiliza os educadores à pesquisa, que se apresenta com “desafios consideráveis para a compreensão das tessituras das relações no ensinar e no aprender, na heterogeneidade contextual em que essas tessituras se fazem” (GATTI e INÁCIO FILHO, 2005, p. 606).

O ensino comercial contribuiu grandemente para o desenvolvimento brasileiro, especialmente no período em que houve a expansão do governo e autarquias e se fez necessária mão de obra ‘burocrática’ - por assim dizer. Gatti e Inácio Filho (2005) indicam que se busque nas pesquisas sobre educação mais do que filosofias que “narram um real cada vez menos real” e se investigue o propósito social e o estatuto institucional das instituições escolares, contribuindo com uma compreensão mais ampla e verídica. Havia mais de um milhar de instituições de ensino comercial de grau médio na década de 1960, com matrículas de cerca de duzentos mil alunos ao ano, o que demonstra que esta trajetória não pode mais ser superficial nos estudos brasileiros.

Visando preencher algumas destas lacunas da história do ensino profissional, apresentamos a história do Colégio Comercial Visconde de Cairu¹ e suas interações com a sociedade paulistana durante seu período de existência. Esta instituição escolar funcionou em um período de grandes mudanças sociais no Brasil, o que se reflete em sua história e em suas propostas, importantes no desenvolvimento do Ensino Comercial da década de 1950 no estado de São Paulo. Este formato de ensino profissional surgiu com a finalidade de suprir a necessidade social daquele momento histórico: profissionais qualificados para o ingresso no mercado de trabalho logo após o ensino médio, mas não profissionais técnicos da indústria.

Esta mesma instituição passaria, alguns anos depois, por um novo momento social importantíssimo para a história da educação, alvo de raras pesquisas acadêmicas: o início do ensino técnico-profissionalizante, o berço do que conhecemos hoje como cursos técnicos concomitantes ou sequenciais ao ensino médio regular, da área profissional terciária. A partir da compreensão dos alicerces deste modelo de ensino profissional poderemos observar, de uma ótica mais ponderada e menos generalista, alguns rumos que a educação para os jovens tem tomado no Brasil até chegar aos dias atuais.

Partindo da premissa de que as histórias das instituições se desenvolvem conjuntamente com as de seus atores, expomos o emaranhado de histórias do

Colégio e seus alunos, professores e dirigentes num reflexo do momento histórico deste recorte temporal (1954-2002), complementado pelas características pedagógicas, arquitetônicas e sociais desta hoje extinta escola, na qual estudaram mais de 50 mil alunos. É entendida como oportuna, por teóricos da história da educação (NOSELLA; BUFFA, 2013; GATTI; INACIO FILHO, 2005), a pesquisa que vincula a história de percursos de instituições às trajetórias de seus docentes e discentes.

Ainda que em diversos países a escolha da profissão seja feita pelos jovens quando ingressam na universidade, no Brasil a oferta do ensino profissional aos alunos durante o período em que cursam a escola média é uma tradição de longa data – seja esta oferta feita de forma concomitante ou integrada, obrigatória ou facultativa. O Ensino Médio Técnico é, em alguns segmentos sociais, a formação final dos jovens até os dias atuais, visto que por vezes estes jovens não almejam ou não tem oportunidade de ingresso na universidade pelos mais diversos motivos.

No período histórico proposto para esta pesquisa houve a implantação de uma série de leis para o ensino de nível médio, com ênfase para a equivalência estabelecida pela Lei 4.024/61, que não superou a dualidade implícita neste nível de ensino, permanecendo o ensino secundário com o privilégio de ser reconhecido socialmente. Este quadro fica comprovado ao constatarmos que, à época, dos 1.129.421 alunos matriculados no ciclo, a maior concentração estava nas capitais dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, sendo 50% das matrículas correspondentes ao secundário, 45% aos ramos normal e comercial e apenas 5% aos ramos industrial e agrícola.

A primeira Lei de Diretrizes e Bases pontuou a formação profissional em nível médio e destacou seu sentido. Dez anos depois da Lei 4024/61, o governo militar substituiu a equivalência entre o secundário e o propedêutico pela habilitação profissional compulsória no 2º grau, com a aprovação da Lei 5692 em agosto de 1971, tornando a questão do ensino profissionalizante ainda mais delicada no Brasil. Tem influência marcante nesta discussão histórica a última Lei de Diretrizes e Bases promulgada, como ficou conhecida a Lei 9394/96, na qual a educação profissional é considerada separadamente da educação básica, ainda que possam ser cursadas de forma concomitante. Desta forma pretendia-se superar os enfoques de assistencialismo e preconceito social impregnados nas primeiras leis de educação

profissional do país e, ainda, promover uma intervenção social crítica qualificada para que o Ensino Médio Técnico se tornasse um mecanismo para favorecer a inclusão social e a democratização dos bens culturais da sociedade.

Partindo de um histórico da educação nacional, documentamos a história desta instituição escolar apontando influências do movimento da Escola Nova e do movimento piagetiano, bem como as propostas da Organização Internacional do Trabalho na concepção do ensino profissional no Brasil e no estado de São Paulo.

Perspectivas teóricas e metodológicas

A pesquisa retratada neste artigo documentou a identidade da instituição escolar e da atividade educativa e social que desenvolveu com seus sujeitos, além do preenchimento de lacunas que se apresentam na história do ensino profissional de nível médio no Brasil.

Conforme citado anteriormente, apresentaremos a história do Colégio Comercial Visconde de Cairu no recorte histórico de 1954 a 2002. Com sede principal à Rua Uriel Gaspar, número 162, no bairro paulistano do Belenzinho, a instituição escolar formou cerca de 50.000 alunos durante o período de funcionamento. Nosella e Buffa relatam, de acordo com sua experiência, que “as melhores pesquisas ocorreram quando a instituição escolar escolhida tem um significado social reconhecido, o que significa ser considerada pela sociedade, em razão de sua tradição, dos alunos que formou etc.” (NOSELLA e BUFFA, 2013, p.58). O edifício que abrigou a instituição neste endereço é considerado com grande importância histórica, especialmente em sua arquitetura, uma vez que foi pensado especialmente para o abrigo do Colégio. O prédio foi concebido e construído nos moldes propostos pelo escolanovismo, estrutura almejada pelos militantes do ensino técnico profissionalizante ao qual o Colégio Comercial Visconde de Cairu se propunha.

Por meio do estudo do objeto arquitetado com suas ramificações, buscamos delinear aspectos sociais e históricos marcados pela existência da instituição no recorte histórico determinado, evidenciando elementos constitutivos não somente da instituição educativa mas daqueles a ela vinculados. Todavia, ainda que considerássemos apenas a documentação da história da instituição a ser produzida, destituída de seu valor político-histórico, a pesquisa se justificaria nas palavras de Sanfelice (2007), que defende não haver instituição escolar que não mereça ser objeto

de pesquisa histórica, independentemente de seu grau de 'relevância' – todas as histórias são relevantes.

A pesquisa em instituições escolares é fundamentada teoricamente em autores que compreendem a necessidade de estudos de caráter histórico na área educativa, para que se possa ter clareza das origens de situações contemporâneas. Sanfelice (2007) afirma que diversos focos podem ser abordados quando se realiza pesquisas em instituições escolares, destacando que o pesquisador, ao entrar na instituição, deve ser criterioso na escolha das fontes para que atendam ao seu propósito de pesquisa. O pesquisador tem como primeiro desafio conhecer a instituição e deve fazê-lo em busca das referências que melhor atendem ao seu estudo, sejam elas “legislação, padrões disciplinares, conteúdos escolares, relações de poder, ordenamento do cotidiano, uso dos espaços, docentes, alunos e infinitas outras coisas que ali se cruzam” (SANFELICE, 2007, p. 77).

Considerando que o homem é o responsável pela construção da realidade, as instituições escolares são construções do homem com o intuito de disseminar saberes e culturas próprias do homem, no contexto social em que se encontram. Essa ideia sócio-histórica reforça a necessidade de se estudar a história de uma escola sempre interligada com seu tempo e com seus personagens. A relação dialética entre o particular e o geral é a responsável pela forma deste estudo. De acordo com Nosella e Buffa (2013), nosso referencial teórico maior, pesquisas sobre a história das instituições escolares possibilitam a compreensão dos movimentos sociais, do particular em contato com o universal. Para tanto, utiliza-se o método dialético marxista com o aspecto investigativo, em que o pesquisador se detém na investigação de aspectos particulares da realidade para depois, dialeticamente, expor o movimento real, em sua totalidade.

O método dialético marxista, utilizado em pesquisas na área de história da educação e aqui adotado, é uma leitura do marxismo por teóricos que entendem a investigação de frações como parte importante do processo de descoberta do movimento real completo. Nosella e Buffa (2013) afirmam que, para aqueles que entendem o marxismo como processo investigativo no qual a história dos homens está aberta a desdobramentos, estes desdobramentos só podem ser compreendidos por meio de pesquisas e estudos baseados no método dialético.

A relação entre estrutura e superestrutura suposta na dialética é apontada também por Gramsci (1999) como necessária e vital, uma vez que, adquirida pelos homens a consciência de sua posição social e de seus deveres no todo social, é nela que reside sua razão. Portanto dedicamos atenção especial a esta relação ao estabelecer a dialética marxista como referencial teórico, somada à questão investigativa do particular. Existe uma ligação única entre uma instituição escolar e a sociedade que a cria e alimenta, entre estrutura e superestrutura, e a dialética considera esta conexão em si, em seu desenvolvimento. Não nos interessa a relação fria, posterior aos fatos, entre a escola que existiu e a sociedade que a entornava: pelo contrário, nos interessa a história viva que se deu, dialeticamente, na formação desta escola e das ideias e ideais que nela imergiram e dela emergiram. Interessa-nos a relação constitutiva entre a particularidade da instituição escolar e o movimento real contemporâneo a ela, considerando que, para a dialética marxista, ambos só existem nesta relação e não podem ser apartados.

As instituições escolares e a sociedade existem em sua relação, o que caracteriza deste ponto de vista suas interações como tensões dialéticas. Portanto, para pesquisas sobre a história de instituições escolares, o método dialético se faz adequado porque busca “relacionar o particular (o singular, o dado empírico) com o geral, isto é, com a totalidade social, evidenciando interesses contraditórios” (NOSELLA e BUFFA, 2013, p. 80). Desta forma, o método marxista investigativo orienta o pesquisador a primeiramente se deter na investigação dos aspectos particulares da realidade para que possa se expor o movimento real completo, buscando situá-los no geral desse movimento. O primordial neste método é a consideração da relação constitutiva e conflitiva entre escola e sociedade, uma vez que ambas só existem nesta relação.

O Colégio Comercial Visconde de Cairu

A história do Colégio Comercial Visconde de Cairu (Viscai) aqui retratada é resultado de resgate a partir da documentação oficial localizada no acervo da Diretoria de Ensino Leste-5 e da Prefeitura Regional da Mooca; da documentação histórica e diversas fontes imagéticas presentes em arquivos pertencentes ao espólio do Colégio armazenados em depósito; dos documentos, imagens e escritos diversos pertencentes ao acervo particular da família dos diretores; e de materiais diversos

cedidos gentilmente pelos docentes e discentes que foram ligados ao Colégio Comercial Visconde de Cairu e foram entrevistados neste estudo.

A criação da instituição escolar aqui estudada, o Colégio Comercial Visconde de Cairu, bem como a idealização de seu primeiro estatuto, datam de 1954. No ano que marcou o quarto centenário da fundação da cidade de São Paulo, dia 24 de agosto, era registrada a entrada do pedido de autorização de funcionamento do então 'Instituto de Ensino Visconde de Cairu' junto ao Ministério da Educação e Saúde, coincidentemente no mesmo dia que Getúlio Vargas se suicidou. Ainda que a data exata seja coincidente, a proposta de criação de uma instituição escolar para ensino comercial, nos moldes vanguardistas e escolanovistas como veremos neste capítulo, vem ao encontro das mudanças político-sociais que acenavam naqueles últimos anos, com grande influência do governo Vargas.

O nome Visconde de Cairu foi escolhido para a instituição a fim de homenagear o patrono do comércio no Brasil. Ainda que a informação sobre quem foi o patrono do comércio seja bastante divulgada, não é de conhecimento geral a trajetória deste personagem tão importante ao princípio da história comercial e educacional brasileira. Destacamos então aqui, brevemente, sua história, que o levou a este título: Nascido em 1756 na Bahia, José da Silva Lisboa era filho de um arquiteto português com uma brasileira. Ainda que o pai desejasse que ele seguisse a carreira eclesiástica, estudou filosofia e gramática latina no colégio e depois foi para Lisboa cursar o ensino superior. Bacharel em Direito canônico e filosófico pela Universidade de Coimbra, ele retornaria ao Brasil aos vinte e três anos e depois de alguns anos é nomeado deputado e depois secretário da Mesa de Inspeção, a alfândega, da Bahia, cargo que conserva até a chegada da Família Real ao país. Quatro dias após sua chegada ao Brasil, Dom João VI, em 28 de janeiro de 1808, abre os portos às nações amigas, sob a influência de José da Silva Lisboa. Em fevereiro daquele ano a cadeira de Economia Política é criada e oferecida a José da Silva, sua influência vai crescendo consideravelmente no meio político brasileiro e, com uma carreira ascendente, recebe diversas nomeações importantes. Perpassou momentos muito importantes da história do Brasil ao lado de seus governantes, como as inconfidências e revoluções, criação das primeiras escolas superiores, a independência do país, a primeira constituição e outros. Em 1826 assume como Senador do Império pela Província da Bahia e, então, torna-se Visconde de Cairu.

Escolhido o nome, este teve de ser este adaptado à finalidade proposta, tornando-se Escola Comercial Visconde de Cairu por aconselhamento oficial. Para esta etapa inicial do funcionamento da instituição escolar, Nildo Lório, professor fundador e primeiro diretor do Colégio, contou com a ajuda de dois padres da região, Theodorus Hermanus Peters e Alcuino Derks, que intercederam a seu favor. A primeira sede foi instalada na Rua Bom Sucesso, 971, no bairro Cidade Mãe do Céu, hoje Tatuapé. O bairro, que então se estruturava como área majoritariamente residencial, iniciava um impulso progressista.

Após o cumprimento dos trâmites legais, entrega de documentos e proposta de funcionamento, em dezembro de 1954 Nildo Lório recebeu a primeira correspondência oficial sinalizando que as atividades poderiam ser iniciadas no ano seguinte, designando o supervisor governamental que acompanharia estas atividades, Sr. Artur do Prado Figueiredo. A autorização, dada então à instituição escolar, serviria a título precário. Seria expedida a autorização de forma plena e definitiva assim que fossem satisfeitas todas as exigências do inspetor designado, num processo que levaria ainda alguns anos, como era comum às escolas comerciais na década de 1950.

Os primeiros alunos, de acordo com a carta inicial, eram “filhos de estrangeiros que levavam de casa uma educação tipicamente europeia – principalmente portuguesa, italiana, espanhola, romena e iugoslava”. De acordo com este documento, a região paulistana onde se situava a escola tinha aspectos típicos que caracterizavam este público, era de fato uma região com um grande contingente de imigrantes residentes. A escola comercial foi “encorajada pelos imigrantes que viriam a fazer parte da primeira classe média brasileira” (GAIDARGI, 2019), que buscavam educação profissionalizante diferente daquela oferecida para formação de mão de obra. A filosofia da escola iria ao encontro das aspirações daquelas famílias, de formação dos filhos para cargos gerenciais e administrativos.

Nos primeiros tempos, a instituição escolar funcionou com um pessoal bastante resumido, de forma que fosse possível a manutenção de forma autônoma. Neste período a investidura de todos os envolvidos no processo educacional deveria ser oficiada e autorizada, até mesmo do secretário escolar. A partir daquele ano se iniciava a história de quarenta e oito anos desta instituição escolar, que envolveu, além de cerca de cinquenta mil alunos, mais de quinhentos educadores.

Em uma visita de inspeção ao CCVC em meados de 1962, que se comentava pelos corredores poderia ser para o fechamento da escola visto o tempo em que funcionava com autorizações precárias e sem ainda um edifício próprio, o inspetor Alpínolo Lopes Casali adentrou a aula de ciências físicas e biológicas que era ministrada pelo Prof. João Gaidargi e surpreendeu-se com a metodologia utilizada. A partir de estudos piagetianos, inspirado pelo movimento da Escola Nova, o professor trazia para a área da prática os ensinamentos teóricos por meio de experiências. O inspetor seguiu o professor às outras salas e acompanhou o mesmo movimento de atenção dos alunos ocorrer. Ao final da visita deixou registrado no Livro de Visitas 1 que “conhecera o professor do século”. O Inspetor Casali indicou o então professor ao SADEC, Serviço de Assistência Didática ao Ensino Comercial, que se propunha à exposição de novas metodologias e propostas de melhorias na prática docente.

Este fato influenciou uma mudança de gestão no Colégio Visconde de Cairu em 1965. A proposta inicial de sociedade partiu de Nildo Lório para João Gaidargi, com o oferecimento para compra de 50% da instituição escolar. A justificativa para a oferta de parceria foi o apreço de Nildo pela conduta do ora professor e, também, porque João Gaidargi tornara-se uma personalidade bastante destacada no cenário educacional paulista. Suas aulas atraíam inclusive alunos visitantes, o que não era comum às escolas comerciais. O dirigente, que estava em vias de aposentadoria, gostaria de passar a direção e manutenção da instituição escolar para outro educador que tivesse ideologia próxima a sua, buscando um formato de educação que voltasse a atrair os jovens para o ensino comercial.

Em algumas semanas a sociedade estava posta. O grupo de professores naquele ano já reuniu personalidades que viriam a se destacar na sociedade brasileira, como Alcides Lopes Tápias ex-Ministro do Desenvolvimento. A parceria com o SADEC permanecia e João Gaidargi participava de diversos eventos de formação da área comercial, o que, conseqüentemente, levava o nome do Colégio para além de fronteiras maiores. Ainda naquele ano Nilton Lório venderia o restante de suas cotas para os professores e irmãos João e Pedro Gaidargi, que passariam a assumir total responsabilidade como mantenedores do Colégio Comercial Visconde de Cairu a partir do dia 16 de dezembro de 1965.

Neste período o Colégio Visconde de Cairu viria a ser selecionado como Centro Piloto de Aplicação do Sistema de Ensino Funcional no estado de São Paulo,

ou uma das 'escolas modelo' como eram popularmente conhecidos estes centros. Este título era dado às instituições que serviriam como base para a implantação dos cursos técnicos profissionais do comércio em todo o sistema, sendo seus professores convidados a ministrar aulas e seminários em parceria com a Campanha de Aperfeiçoamento e Expansão do Ensino Comercial, de portas abertas para que outros dirigentes e educadores pudessem conhecer pessoalmente as didáticas que orientariam os novos caminhos do ensino comercial. A partir de 1966, o Viscai passa a ser conhecido como uma escola piagetiana, onde as noções de educação de Jean Piaget sobre ensino e aprendizagem estariam presentes na metodologia de todas as disciplinas, além de passar a ser respeitada a máxima escolanovista da educação centrada no aluno em todo o programa escolar.

Por conseguinte, entendemos ser esta a ideia maior da instituição, de propor uma reforma do ensino comercial de dentro para fora, de forma organizada e devidamente legislada. Para tanto se dispuseram os diretores às autoridades educacionais para auxiliar na consolidação de novas diretrizes e regulamentações porvir, disponibilizando também diversos membros do corpo docente para, com eles, auxiliar ao SADEC na formação de professores. De forma bastante positiva podemos considerar que a equipe do Colégio Comercial Visconde de Cairu, como um todo, contribuiu para o desenvolvimento de novas tendências no ensino comercial paulista, que viria a originar a verdadeira revolução que se deu com o ensino técnico profissionalizante anos depois.

Mesmo com a mudança do regime político e da legislação educacional na década de 1970, o corpo docente do CCVC continuou empenhando esforços para auxiliar numa mudança na educação e teve resultados expressivos. Devido à sua influência junto aos educadores paulistas, o diretor João Gaidargi participou da elaboração do Documento 1 sobre Habilitações Profissionais do 2º grau, publicado pelo MEC. Neste relatório de incongruências da Lei 5692/71, educadores escolhidos pelo território nacional em Comissão constituída pela Portaria 652/71 apontam necessidades de adequação da legislação com a realidade, em sua maior parte focados nas questões do ensino estar muito distante da realidade dos alunos e do excesso de preocupação com a produtividade profissional dos alunos em detrimento ao conhecimento que eles de fato estariam adquirindo. O documento, publicado em 1972 pelo Laboratório de Currículos, apresentava sugestões para mínimos a serem

exigidos em habilitações profissionais no 2º grau. Trechos deste documento onde se lê: “um País que se desenvolve não pode, em razão mesmo de sobrevivência, prender, pelo pé, a sua juventude nas modestas possibilidades do seu meio de agora”, complementado por “não pode pretender prepará-la para condições de emprêgo (*sic*) que os próprios planos de desenvolvimento objetivam superar” (Documento 1 Habilitações Profissionais, MEC, 1972), nos leva ao entendimento de que esta comissão, composta por educadores influentes, tentava demonstrar as limitações da legislação em vigor com palavras bem colocadas, a fim de não se desgastar com o poder público. Esta participação foi considerada uma vitória dos professores como um todo e nos foi relatada por diversos docentes entrevistados que lecionavam àquele momento no Viscai, além de outros que se juntaram ao corpo docente nos anos posteriores e acompanharam as alterações que esta participação e as novas diretrizes trouxeram aos cursos ministrados.

No final da década de 1980 os diretores do Colégio Comercial Visconde de Cairu já haviam visitado por volta de 90% das escolas técnicas da área terciária da capital paulistana, e mais de uma centena de escolas no interior paulista, ministrando palestras e cursos, em grande parte parcerias com SADEC e SENAC, para docentes e dirigentes do Ensino Técnico. Foram visitados também centros educacionais de outros estados brasileiros e de outros países da América Latina, para a troca de experiências educacionais piagetianas e escolanovistas na educação profissional.

Ainda que tenha sido, desde sua criação, uma escola particular mantida por mensalidades, não contando com subsídios governamentais, os dirigentes mantiveram durante todo o percurso da instituição a premissa de mensalidades socialmente responsáveis, o que garantiria que estivessem sempre pareadas com as possibilidades socioeconômicas da comunidade que a circundava. A complementação da verba necessária para o funcionamento da escola, quando os reajustes não alcançavam a inflação do período, era advinda, de acordo com os relatos por nós recebidos de ex-alunos e ex-docentes, por meio da exploração publicitária nos jornais, outdoor e outros espaços, nos quais os comerciantes da comunidade faziam questão de ‘anunciar’ a fim de auxiliar o subsídio da escola.

Na década de 1990, já com quatro décadas de experiência, a direção do CCVC, agora contando apenas com o Prof. João Gaidargi – após o falecimento do Prof. Pedro Gaidargi – permanecia sustentando a necessidade de transformações

contínuas para a educação, contra qualquer movimento que sugerisse a estagnação. Procedem uma nova e volumosa reforma do edifício e a proposição de novos tipos de interação dos educandos, reafirmando o ideal de que, ainda que fossem os mesmos cursos, o conhecimento havia evoluído de outrora.

A Lei de Diretrizes e Bases aprovada em 1996 foi comemorada pela comunidade educativa da instituição como a legislação que, enfim, previa a necessidade de um ensino médio integrado ao ensino técnico. Para o dirigente da instituição escolar e para os professores que estiveram presentes neste período de lutas pela modernização da legislação educacional a LDB/96 foi uma grande vitória. Em seus últimos anos de funcionamento, o Colégio Comercial Visconde de Cairu ofereceu cursos de acordo com as novas diretrizes da educação, pontuando competências e habilidades a serem contempladas no currículo de cada uma das formações técnicas ofertadas.

Princípios pedagógicos e educativos

Desde que assumiram a direção do Colégio Comercial Visconde de Cairu, os irmãos João e Pedro Gaidargi procuraram implementar, dentro dos limites impostos pelas legislações bastante rígidas à época, a filosofia e a pedagogia de Jean Piaget. Era demanda de cada um dos docentes adaptar os conteúdos que ministravam ao ideal piagetiano (como referido nos manuscritos) de que o aluno deveria aprender a 'fazer', a desenvolver praticamente as atividades de uma forma que fossem ser utilizadas na vida particular e profissional, buscando o ideal de aquisição real de conhecimento para a vida.

Além disso, docentes da década de 1970 nos relataram que havia uma 'preocupação clapediana' por parte da direção para que se formasse o aluno ensinável e não ensinado, para que os egressos fossem hábeis e versáteis para vencer os diversos desafios que a vida profissional lhes proporcionaria. O corpo docente, formado por profissionais habilitados nas mais diversas áreas, era constantemente incentivado a utilizar metodologias que caminhassem para a interação com os alunos durante as aulas.

A preocupação com o aparelhamento audiovisual também é marcante durante a trajetória da instituição escolar. No início da década de 1960 já utilizavam projetores de cinema 16mm, depois passaram ao uso de projetores 8mm e, quando a

tecnologia assim possibilitou, passaram a utilização de televisores e videocassetes nas aulas, para projeções da indústria cinematográfica, de materiais educativos e de produções dos próprios alunos, que dispunham de filmadoras para este propósito. No acervo do Viscai ficaram registrados em grande quantidade trabalhos audiovisuais dos alunos, nos mais diversos tipos de mídia.

Em busca do ideal de 'aprender fazendo' a instituição de ensino envidou grandes esforços, materiais e pessoais, do que resultou a impressão nos dados pelos alunos entrevistados de que era uma escola onde se possibilitavam experiências diferentes, onde de fato se 'produzia' conhecimento na acepção de produção real. Podemos concluir, a partir destas colocações, que a instituição escolar estudada nesta pesquisa se afasta bastante do caráter meramente produtivista buscado na maior parte das escolas de seu tempo, aproximando-se de uma concepção de educação humanista, defensora da lógica racional e da produção de conhecimento pelo aluno de forma autônoma.

É importante salientar que esta proposta é baseada em orientação e planejamento, ainda que permita bastante independência aos docentes. Ainda que possa parecer, num primeiro momento, que seria este um formato de escola no qual os professores simplesmente produziam conhecimento em conjunto com os alunos, o modelo escolar do Viscai era bastante planejado e regado. Gaidargi (1971) esclarece que a atividade didática não deveria ser "sujeita aos empirismos da improvisação" e nem poderia ser "orientada por normas despidas de sentido científico". A questão aventada nesta proposta educativa era a necessidade de novas regras e legislações, não o funcionamento de sistemas educacionais na ausência destas.

Sobre a urgência de se rever os sistemas de educação nacionais, em especial no que dizia respeito às formas de integração do aluno com sua realidade, João Gaidargi é taxativo:

Não será fácil evidentemente, de uma hora para outra, sem pessoal devidamente habilitado, sem uma compreensão maior por parte de todos a respeito das altas prerrogativas sociais da Escola, oferecendo novo ritmo às peças todas do processo educativo, para que ele finalmente funcione como um sistema compacto e lógico, humano e eficiente. Mas é preciso tentar. É preciso começar logo, ainda que sem a preocupação demagógica de alcançar a totalidade da rede escolar, para tentar o milagre de converter, à última (*sic*) hora, os hereges da administração e todos esses subversivos da ordem e dos espíritos, que tentam justificar sua ignorância e seu despreparo, ou suas desídiás com uma velhaca e obstinada oposição às ideias da renovação necessária. (GAIDARGI, 1971, p. 2)

O professor faz, ainda, um alerta sobre a questão das avaliações, destacando que exames pré-fixados, ou elaborados improvisadamente apenas para cumprir os critérios estipulados de prova final, não seriam os melhores instrumentos para a avaliação de um aluno em seu processo contínuo de aprendizagem, colocando-se a favor da avaliação criteriosa:

Assim, contra avaliações improvisadas e arbitrárias, contra eventuais pressões de elementos despreparados e em favor do necessário estímulo a ser oferecido também ao trabalhador das Escolas, haverá que opor critérios de verificação de eficiência, baseados em normas precisas. Somente uma planificação racional, devidamente supervisionada e periodicamente avaliada, poderá permitir julgamentos seguros e capazes a um só tempo, de incentivarem e premiarem os mais capazes, de comprovarem a adequação das diretrizes reais, a oportunidade das providências, o acerto da orientação (GAIDARGI, 1971, p. 4)

A necessidade de que houvesse maior ênfase à planificação, tanto por escolas como por professores, de que se traçasse e seguisse objetivos na educação, era o marco inicial para que mudanças pudessem de fato acontecer no ensino comercial para Gaidargi (1971). A planificação deve considerar com seriedade a filosofia e a política educacional do país onde ocorre, senão nem a melhor das planificações pode ser bem-sucedida.

[...] e preferem defender obstinadamente diretrizes e esquemas, pontos de vista e manias que, além de não se encontrarem alicerçados em qualquer pesquisa séria ou estudo estatístico de monta, já eram inadequados à realidade brasileira há mais de meio século. Gente que não lê nem a lei nem a sua justificativa ou fundamentação; nem suspeita de que a Educação, por ser um processo de dinâmica social, não pode e não deve permanecer nunca aprisionado por fórmulas empíricas, frias e estáticas, divorciadas da realidade imediata. [...]. Assim aconteceu com a “Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional” que nem foi suficientemente entendida, nem encontrou mais gente disposta a aposentar suas manias e as rotinas superadas da tradição, mais os mofo rançosos do passado. É muito lamentável que a bem fundamentada Exposição de Motivos nº389, de 28 de outubro de 1948, assinada pelo então Ministro da Educação e Cultura Dr. Clemente Mariani, tenha tido tão poucos e desatentos. Ou que, se lida, não chegou a ser entendida pelos homens responsáveis pelos Destinos da Escola. Ou que, se entendida, não tenha encontrado maior número de apologistas e de sequazes, de homens mais capazes de arregaçarem suas mangas, na redentora cruzada da educação nacional. (GAIDARGI, 1971, p. 10)

Pode-se entender a partir desta fala que havia, da parte de educadores, um desejo real de que a LDB/61 recebesse maior atenção e emprego de esforços para ter sucesso, mas, no ano desta publicação (1971), já surgia uma nova LDB com uma ideologia bastante diversa desta. A citada Exposição de Motivos 389, feita pelo

Ministro Clemente Mariani em 1948, interpretava positivamente o anteprojeto da LDB/61, que tramitou por muitos anos até ser promulgado em 1961, considerando-o uma vitória da “unidade na variedade” e a única fórmula “compatível com a federação e a vida nacional”, para que equívocos provocados pela centralização dos procedimentos administrativos, que teriam atingido níveis extremos no Estado Novo, fossem superados e se seguisse no ‘caminho da descentralização do ensino’, consoante a determinação constitucional de 1946.

A influência de vertentes da Organização Internacional do Trabalho acerca da educação profissional pode ser notada em diversos aspectos da vida escolar do Colégio Comercial Visconde de Cairu. No início da década de 1970, o dirigente João Gaidargi foi convidado a cursar a especialização em *‘Metodología de la formación’*, juntamente com outros representantes em destaque na educação profissional de todo o mundo, numa programação transnacional. O programa de estudos, subsidiado pela própria OIT, ofereceu uma extensa carga horária sobre as tendências mundiais na educação para o trabalho enfatizando a necessidade de atualização das metodologias utilizadas pelos docentes para que a educação profissional, de fato, oferecesse uma formação completa aos alunos.

De acordo com o programa, o objetivo principal era fornecer conhecimentos sobre métodos modernos e técnicas de ensino para os responsáveis pela educação profissional, dialogar sobre os mais recentes trabalhos de pesquisa na área pedagógica e comparar tendências na organização e metodologia de ensino em diferentes países. As principais cadeiras deste curso se centravam em áreas para preparação de cursos formativos: definição de objetivos, seleção de métodos e avaliação, treinamento de lideranças nas empresas, organização geral de estudos técnicos, instrução programada, métodos de autoinstrução, auxílios audiovisuais e computação, com enfoque em estudos de caso, dinâmicas de grupo e treinamentos práticos. Os treinamentos para lideranças empresariais incluídos neste curso demonstram a tendência, em âmbito internacional, de que determinadas formações profissionais, a saber comerciais, propunham a formação de gestores médios, pequenas lideranças, gerências.

A proposição de inclusão de recursos audiovisuais na educação moderna e, para além disto, a importância de colocar os alunos em posição de produtores audiovisuais a partir do desenvolvimento de trabalhos que utilizassem suportes de

mídia, se faz muito presente na história do Colégio Comercial Visconde de Cairu. A Educação à Distância e o uso de computadores foram inquietudes da direção desta instituição escolar desde muito antes da eclosão dos cursos de formação à distância e da educação de jovens e adultos, em meados da década de 1990. Salvo iniciativas pontuais e de suplência de ensino primário, os cursos à distância e a autoinstrução seriam assuntos que ganhariam força apenas após a LDB/96, porém em idos de 1970 já recebiam projetos por parte de educadores paulistas. A ideia de que o educando poderia ser capaz de aprender por si com o devido subsídio gráfico, audiovisual e/ou computacional ainda desconcertava a maior parte dos educadores àquele tempo, visto que estas propostas diminuía muito as possibilidades de controle sobre a educação. Além de que deixavam espaços para uma educação com maior formação de consciência social, com concessão acentuada de autonomia aos estudantes. No início da década de 1980 havia uma sala ampla de computadores no Colégio Comercial Visconde de Cairu e, tal qual outras instalações, podia ser utilizada por integrantes da comunidade em horários diferentes dos de aula.

Notadamente na estrutura e proposta pedagógica desta instituição escolar estes preceitos permaneciam, ano a ano, literalmente ou dentro de ações específicas propostas em cada período. Foram marcantes de tal forma que nos levaram a afirmação de que houve uma intervenção efetiva dos conceitos da OIT a respeito do ensino técnico profissional nos caminhos seguidos pelo Colégio e, considerando a atuação desta instituição – na forma de seus representantes – no desenvolvimento e expansão desta modalidade de ensino a partir da década de 1960, estes conceitos trazidos da Organização Internacional do Trabalho teriam de alguma forma influído na história do ensino técnico comercial brasileiro.

A presença dos princípios do movimento da Escola Nova, pode ser notada em diversas esferas de atuação do Colégio Comercial Visconde de Cairu. O ensino centrado no educando e não mais nos conhecimentos prévios dos professores, o desenvolvimento de integração entre os conceitos teóricos e as práticas dos alunos, a própria proposta de uma educação fundamentada em troca de experiências entre todos os envolvidos no processo educativo ilustram um modelo de instituição de caráter escolanovista. A determinação em seguir o ideário da epistemologia de Jean Piaget, inclusive investindo em formação docente na área de forma permanente,

também identificam a aproximação da metodologia desta escola com os aspectos da psicologia e da biologia que consagraram a Escola Nova.

Porém, afora estas sabidas características, uma particularidade nos suscitou um aprofundamento de estudo: os atributos do edifício próprio, erigido no início da década de 1970, foram segundo apontamentos dos dirigentes baseados em conceitos escolanovistas. O prédio, sito à Rua Uriel Gaspar 162, onde o Viscai funcionou durante a maior parte de sua história, se destaca das edificações destinadas ao ensino comercial à época. Especialmente preocupados com a iluminação natural abundante em todas as salas, com as questões de ventilação, com a necessidade de espaços físicos fora do tradicional para laboratórios e com a proposta de salas de aula que se integrassem, permitindo maior interação entre as diferentes turmas de alunos, os mantenedores trocaram mais de uma vez de arquitetos, a fim de encontrar profissionais aptos ao desenho de um edifício escolar deveras díspar de seus contemporâneos.

Prédio Escolar

O Colégio Comercial Visconde de Cairu funcionou em quatro endereços. A primeira sede foi na Rua Bom Sucesso, numa casa assobradada, a segunda e a terceira foram na Rua Padre Adelino, também em casa adaptadas à finalidade escolar e que rapidamente deixaram de apresentar a capacidade necessária para o número de alunos que aumentava. Dada a necessidade de um imóvel que permitisse a organização escolar de acordo com os princípios pedagógicos descritos, os sócios-mantenedores propuseram-se a construir novas instalações, uma vez que os prédios existentes disponíveis, no tamanho necessário para comportar a quantidade de salas de aula pretendida, não atendiam à concepção de prédio escolar que buscavam.

A exigência, a título de tornar permanente a autorização precária de funcionamento da escola, ser a questão predial foi também fator importante na decisão pela construção de um prédio próprio específico em detrimento de novas adaptações a um edifício. O financiamento do edifício foi feito por um grupo particular, intitulado 'Grupo dos Cinquenta Amigos'. Esta organização *sui generis* reunia cinquenta pessoas entusiastas da educação em torno do ideal de erigir um prédio escolar para abrigar o crescente Viscai. Em tempos de recessão nacional, este fundo

de financiamento livre foi capaz de possibilitar a compra de terrenos e a construção do prédio de quatro pavimentos.

Unidos pelo espírito vanguardista da educação, inspirados nos pioneiros da educação e na revolução educacional que acontecia em todo o mundo, estas pessoas auxiliaram na construção do edifício que viria a abrigar uma das escolas modelo de ensino comercial em São Paulo. Uma placa de bronze na entrada do edifício prestava homenagem aos participantes desta associação, que se reuniria periodicamente no salão de eventos do Colégio para confraternizar.

As obras de construção do edifício duraram cerca de dois anos. Durante este período as aulas continuaram sendo ministradas na sede da Rua Padre Adelino. Assim que o projeto foi entregue pelo arquiteto, com a quantidade máxima de salas que seriam possíveis ser construídas de acordo com as disposições de metragem e iluminação desejadas, os dirigentes entraram em um dilema: a quantidade de salas não comportaria todos os alunos e espaços de atividades que necessitavam, mas não abririam mão do edifício ter as características arquitetônicas que julgavam necessárias e da amplitude dos espaços. Adquiriram então mais um terreno e um novo projeto com mais um pavimento e um número maior de acomodações foi aprovado.

Após o final da construção dos dois primeiros pavimentos, o movimento de mudança de equipamentos e acervos foi iniciado, mas somente após a conclusão do último pavimento foi concluída a instalação do prédio escolar. Entretanto, mesmo após a construção do prédio próprio e instalação de salas com equipamentos modernos, inclusive audiovisuais, ainda faltava ao Colégio Comercial Visconde de Cairu o documento do auto de conclusão de obra, necessário para a autorização oficial da instituição escolar. Para a expedição deste auto foram solicitadas mais algumas instalações e, principalmente, uma saída de emergência para grandes contingentes, que para ser feita no edifício teria de alterar toda a arquitetura projetada. Por este motivo foi adquirido um terceiro terreno, que possibilitou a saída de emergência para outra via. Neste novo espaço adquirido foi construído um pátio amplo para os alunos, deixando o espaço do antigo pátio para novos laboratórios-modelo.

A construção final dispunha de quatro pavimentos. Contava com vinte e seis salas com trinta e um metros quadrados, sendo dezesseis destinadas a aulas e um salão de eventos de trezentos metros quadrados, que compunha o último

pavimento por completo. Apresentava também sala de professores, laboratórios, escritório-modelo, sala de processamento de dados, tesouraria, almoxarifado, biblioteca com cerca de dez mil exemplares, laboroteca composta por trabalhos feitos por alunos, sala de audiovisual, secretaria, diretoria, almoxarifado, departamento gráfico, centro cívico, sala de orientação educacional e cantina.

Imagem 1 - Vista aérea do Colégio Comercial Visconde de Cairu, década de 1970.



Fonte: Subprefeitura Mooca/SP

Cada uma das salas de aula e salas de atividades contava com mapas do Brasil e do estado de São Paulo, além do mapa de um outro estado, pois eram numeradas e nomeadas, cada uma, como um dos estados brasileiros. Compreendiam também quadro negro, projetor, tela de projeção, carteiras individuais, quadro de avisos, mesa/cadeira de professor e estante de apoio.

A sala dos professores era composta por quarenta e oito armários individuais, mesas amplas com cadeiras para reuniões, porta diários, banheiros individuais para professores e professoras, bebedouro, uma mapoteca, uma sala anexa para armazenamento dos trabalhos de estudantes e estantes onde se exibiam os troféus da fanfarra do colégio e das vitórias dos alunos em competições esportivas, como olimpíadas intercolégiais.

Na sala de audiovisual, até a década de 1990, encontravam-se aparelhamento de vídeo-tape, projetores de cinema 8mm e 16mm, telas de projeção estilo cinema, três mil slides, mil filmes – muitos preparados pelos próprios alunos, retroprojetor, aparelhamento de som, gravadores, intercomunicadores. Após a última reforma do prédio a sala foi modernizada com televisores grandes, videocassetes,

filmadoras DV para produção de trabalhos e computador para edição de vídeos feitos pelos estudantes, além de um novo acervo de filmes e fitas/cds, incluindo material audiovisual para a educação de jovens e adultos. Esta sala dava acesso ao topo do edifício, o mirante, onde se encontrava o letreiro. O edifício, vazado no centro, permitia que todas as salas de aula tivessem iluminação natural, e todos os ambientes contavam com amplas janelas para proporcionar ventilação natural.

Em 1973 o Colégio Comercial Visconde de Cairu já se encontrava plenamente instalado no novo edifício e em funcionamento. A fachada ampla despertava o interesse dos passantes e os alunos estavam confortável e adequadamente instalados para suas atividades.

Considerável prospecção da região do Tatuapé se seguiu ao movimento gerado pela instituição escolar, como a abertura e ampliação da Avenida Radial Leste, a passagem de ônibus elétricos pela região, a construção da Igreja Nossa Senhora da Conceição na Praça Sílvio Romero - símbolo do bairro do Tatuapé e, alguns anos depois, a estação de metrô do Tatuapé, que mudaria definitivamente as características da região. O edifício situado entre o número 162 da Rua Uriel Gaspar e o número 4474 da Avenida Radial Leste foi a sede do Colégio Comercial Visconde de Cairu até o final de suas atividades.

Em meados da década de 1990 o prédio sofreu novas alterações e uma grande reforma. Com a LDB/96 e os caminhos apresentados para a educação, a direção do Colégio Comercial Visconde de Cairu naquele momento representada apenas pelo Prof. João Gaidargi (após o falecimento do Prof. Pedro Gaidargi) promoveu uma grande reforma no prédio a fim de torná-lo mais moderno e apto às atividades escolares agora propostas pela nova proposta pedagógica.

O interior do prédio sofreu diversas alterações neste período, sendo remodeladas inclusive as instalações que permaneceriam. Os equipamentos da sala de computação foram substituídos por modernos PCs e a sala de audiovisual também ganhou novo formato e acervo. Os antigos computadores, filmadoras, televisores, videocassetes e projetores ganharam espaço em uma sala-museu tecnológico.

Um mural comemorativo dos quarenta anos do Colégio Comercial Visconde de Cairu foi pintado, de forma voluntária, por uma aluna na entrada principal, na parede que dava acesso à escadaria da nova quadra poliesportiva. A fachada do prédio também sofreu alterações desde sua inauguração, mas sempre mantendo o

esquema de janelas frontais do projeto original. A cor azul da inauguração, que havia se convertido em nuances de creme poucos anos depois, voltou a figurar, a fim de destacar a edificação no quarteirão para aqueles que a viam da estação de metrô Tatuapé.

Saberes

No conjunto de saberes que uma instituição escolar se propõe a ensinar aos alunos residem suas crenças, afinidades e ideologias, pertinentes à toda comunidade escolar envolvida, desde os dirigentes aos auxiliares de sala, passando especialmente pelos docentes.

O princípio educativo, ou seja, a finalidade de uma ação pedagógica, é o cerne de sua representatividade social. De acordo com Nosella, “o objetivo final é o princípio organizativo e executivo de todo o processo”, é o princípio educativo “a razão última que informa todo o processo escolar, é a perspectiva real e de longo alcance assumida pelos educandos e pelos educadores” (NOSELLA, 2009, p.10).

As colocações aqui explanadas acerca dos saberes estabelecidos pelo Colégio Comercial Visconde de Cairu partem da premissa de que estes saberes giram em torno de um princípio educativo, que no caso dos cursos técnicos profissionais é o trabalho. Escolas que preparam para o trabalho social, para além do próprio trabalho escolar, estão ligadas a projetos e aspirações sociais. O Ensino Comercial esteve sempre ligado aos auspícios de uma classe média híbrida, formada em grande parte por imigrantes, empenhada em ocupar posições de média gestão na sociedade em desenvolvimento do século XX.

Importante relembrar que a análise dialética marxista investigativa é referencial deste estudo e, para o marxismo, o trabalho é compreendido como uma ação humana inseparável da própria condição humana. A educação para o trabalho é uma formação para a própria vida, sem que possa ser dissociada desta característica. O trabalho é a forma pela qual o homem participa ativamente na vida da natureza “para transformá-la e socializá-la cada vez mais profunda e extensamente” (GRAMSCI, 2001, p.43). O desenvolvimento de trabalhos traz ao ser humano sua própria humanidade.

Para que se possa considerar o trabalho como princípio educativo, entretanto, é necessário que esta educação para o trabalho se realize em condições

verdadeiramente honestas no sentido do 'formar social'. Neste sentido, observamos que os cursos desenvolvidos pelo Colégio Comercial Visconde de Cairu e aqui descritos podem ser considerados formativos ultrapassando a questão do trabalho comercial, por incluir em seus currículos e nas atividades escolares como um todo questões ligadas ao conhecimento técnico e da natureza humana, manter a preocupação com questões críticas histórico-sociais e a necessidade de integração entre escola e comunidade, incentivar e apoiar o conagraçamento entre o grupo que formaria o corpo escolar. Sobre a função social e humanística da escola, ainda que uma escola com finalidade técnico comercial, citamos Gaidargi (1980):

Nos momentos de desorientação; enquanto no areal sombrio do deserto pouco tranquilo, soprar o simum deletério; a escola aparecerá mais ainda com sua importância vital. Extraordinária agência de integração social, constitui sempre, o refúgio e a salvação, o hino e a bandeira da grande jornada revolucionária. (GAIDARGI, 1980, p. 20)

O educador João Gaidargi, que simboliza o ideal da instituição de ensino Viscai por ter estado à sua frente, como único diretor pedagógico, por praticamente todo o seu período de funcionamento, defende o conceito de cultura pedagógica a todas as escolas comerciais, entendendo que a instituição escolar voltada à formação profissional tem uma função muito maior que a formação única para o trabalho, tem como objetivo a formação do homem:

A medida em que o processo de "cultura pedagógica" se torna mais intenso e mais sério, mais difundido e mais amplo; e a ideia do valor da Educação tomar conta de mais mentes e de mais corações, esta valorização do homem brasileiro acabará por alcançar os redutos da ideologia partidária, e por permitir que cidadãos mais informados venham a orientar civicamente melhor o povo brasileiro. (GAIDARGI, 1980, p. 20)

Os Regimentos Escolares aos quais tivemos acesso também possibilitaram uma análise pertinente de como se desenvolveram as atividades escolares durante o percurso histórico do Colégio Comercial Visconde de Cairu. As normas básicas da instituição escolar, horários e premissas de cada período estão registradas nestes documentos, que eram atualizados quando havia mudanças na nomenclatura dos cursos, na grade curricular oferecida, em ciclos, em estatutos, ou na legislação educacional vigente.

Destacamos destes documentos os direitos e deveres dos participantes do processo educativo. Ao corpo docente reservavam-se os direitos e deveres: participar

da elaboração, implementação e execução da Proposta Pedagógica e do Plano Escolar; elaborar e cumprir o plano de trabalho; realizar atividades relacionadas com os serviços de apoio técnico-pedagógico; participar dos Conselhos de Classe; participar das atividades cívicas, culturais e educacionais promovidas pela escola; executar e manter atualizados os registros escolares; colaborar com as atividades da escola com a família e a comunidade. Era vedado ao corpo docente: envolver o nome da escola em manifestações estranhas às suas finalidades; fazer, sob qualquer pretexto, discriminação por motivo de convicção filosófica ou religiosa e por preconceitos de qualquer natureza; ausentar-se do local de trabalho sem motivo devidamente justificado.

O corpo docente tinha como direitos e deveres: ser respeitado por todo o pessoal da escola e pelos colegas; ser respeitado em suas crenças religiosas; ser orientado em suas dificuldades; ser ouvido em suas queixas ou reclamações; ser considerado e valorizado em sua individualidade, sem comparações; participar de trabalhos e frequentar pontualmente as aulas; organizar agremiações dentro das normas da escola; acatar a autoridades da direção e do corpo docente, bem como dos demais funcionários da escola; tratar os colegas com urbanidade e respeito; colaborar com a escola na manutenção do prédio e do material escolar coletivo. Era proibido aos alunos: utilizar material potencialmente perturbador da ordem e dos trabalhos escolares; impedir entrada de colegas em aula; perturbar a ordem ou os trabalhos escolares.

A partir das propostas pedagógicas da instituição de ensino ao longo dos anos de sua existência, podemos elencar como objetivos principais: 1. Compreensão dos direitos e deveres da pessoa, do cidadão, da família e do Estado; 2. Respeito à dignidade e às liberdades fundamentais do homem; 3. Fortalecimento da unidade nacional e da solidariedade internacional; 4. Desenvolvimento integral da personalidade humana e sua participação na obra do bem comum; 5. Preparo do indivíduo e da sociedade para o domínio dos recursos científicos e tecnológicos que lhe permitam utilizar as possibilidades e vencer as dificuldades do meio; 6. Preservação e expansão do patrimônio cultural; 7. Condenação a qualquer tratamento desigual por motivo de convicção filosófica política ou religiosa, bem como a qualquer preconceito de classe ou raça.

A proposta de tais objetivos por uma instituição de ensino fundada na década de 1950 nos demonstra a posição vanguardista da mesma, em especial no item 7, que retrata intenção há muito recorrente nos palcos da educação.

De acordo com o Plano Escolar, são buscados como objetivos da educação básica em nível médio ofertada pela instituição, independente da habilitação específica cursada: levar os alunos à pesquisa, análise e síntese que possibilite a contínua adaptação às situações que a vida oferece; encaminhamento dos alunos à descoberta das diversas possibilidades de escolha em face de situações concretas, para que, na liberdade, façam opções à medida em que descobrem novos valores; estímulo ao desenvolvimento progressivo da criatividade dos alunos; formação do espírito crítico que favoreça o desenvolvimento da atitude de auto-avaliação constante; possibilidade da vivência de emoções e sentimentos sadios para o equilíbrio afetivo-emocional; preparação para uma opção existencial de fé; e atenção aos interesses, às necessidades e às aspirações dos indivíduos e das instituições sociais que possam intervir no desenvolvimento do processo educativo.

O Colégio Comercial Visconde de Cairu oferecia cursos de Técnico em Contabilidade desde 1959, Técnico em Administração de Empresas desde 1973, Técnico em Secretariado desde 1973, Técnico em Publicidade desde 1979, Técnico em Turismo também desde 1979. O curso de suplência de primeiro grau, atualmente EJA do Ensino Fundamental, passou a ser oferecido em 1974, enquanto o curso de suplência de Segundo Grau, atualmente EJA do Ensino Médio, a partir de 1985. O Colégio ofereceu, ainda, a partir da década de 1990, em turmas livres e em parceria com a ONG Darcy Ribeiro e com o Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT), uma série de cursos gratuitos, a fim de prover formação básica e formação em habilidades técnicas específicas com o intuito de criar oportunidades para a comunidade vizinha e auxiliar no desenvolvimento socioeconômico do entorno.

Eventos e atividades

As práticas educativas extracurriculares apoiadas e incentivadas pelo Colégio Comercial Visconde de Cairu, com a finalidade de criar vínculos entre o conhecimento adquirido na escola e a comunidade em que os alunos estavam inseridos, estão documentadas em livros de atividades e foram recorrentemente citadas pelos entrevistados neste estudo.

Os eventos e atividades promovidos por uma instituição escolar, ou por agremiações de alunos com a autorização da direção escolar, traduzem muito de sua história e de seu entrelaçamento social. Apresentaremos aqui uma série destes eventos e atividades com base nos registros de imagens de memoriais descritivos encontrados no acervo do próprio Viscai e a partir das memórias dos antigos docentes e discentes, que possibilitaram a melhor compreensão de como se deram estes fatos e o impacto que tiveram na comunidade escolar.

Destacadamente, as Festas e Formaturas eram momentos integrativos importantes para a comunidade escolar. O Grêmio do Colégio Comercial Visconde de Cairu era bastante reconhecido na comunidade pelas festas que promovia e, por ser uma escola de formação técnica, que a muitos seria a formação última para o exercício profissional, as formaturas eram consideradas com especial apreço por alunos e familiares. A instituição de rainhas e princesas do baile de formatura acontecia por meio de gincanas e da venda de talões, o que auxiliava as comissões de formatura na arrecadação de verbas. Os convites para o baile de formatura também podiam ser vendidos pelos próprios alunos. Desta forma, mesmo sendo o Colégio Comercial Visconde de Cairu uma instituição escolar com público majoritariamente de classe média e média/baixa, ou bolsistas, as festividades de formatura realizadas pelas turmas eram bastante famosas a seu tempo e aglutinavam multidões de jovens de diversas outras instituições como convidados.

A organização de fanfarras foi uma atividade amplamente promovida pelas instituições escolares até a década de 1980, em algumas perdurando os anos 1990, como o caso do Colégio Comercial Visconde de Cairu. Todos os anos a fanfarra ia às ruas demonstrar o 'senso patriótico' da instituição e de seus alunos nas comemorações da independência no dia 7 de setembro e, além desta marcada participação junto às fanfarras de toda a cidade, o grupo do Viscai comparecia também às festividades organizadas pela Sociedade Amigos do Belém e de outras organizações que os convocassem.

O Colégio Comercial Visconde de Cairu se fez bastante reconhecido pela participação em eventos esportivos, bem como pela própria organização destes eventos a partir do Grêmio Recreativo Viscai. Em campeonatos internos, externos com a comunidade e interescolares, a participação em diversas modalidades era incentivada e subsidiada pela direção. A compreensão de que a educação física

constituía parte importante do currículo sempre foi muito presente nos estatutos da instituição escolar que estudamos aqui. Inclusive os alunos dos cursos noturnos, que eram dispensados das aulas de educação física, que recebiam incentivo à prática das atividades esportivas coletivas com os times do Colégio.

As exposições de trabalhos dos alunos aconteciam anualmente no Colégio Comercial Visconde de Cairu, em alguns anos ocorrendo duas vezes, uma no primeiro e uma no segundo semestre. Nomeadas de EXPOTEC (Exposição de Trabalhos Técnicos) estas exposições atraíam não somente a comunidade escolar como a vizinhança do Colégio para conhecer as atividades desenvolvidas pelos alunos e, no caso de pais de alunos a ingressar no ensino técnico, entrar em contato com as metodologias de ensino utilizadas na instituição. A partir de 1997 a EXPOTEC deixou de existir, dando lugar à SEDIC (Semana de Ensino Dirigido à Informática Cairu) para a apresentação anual dos trabalhos dos alunos com ênfase nas novidades tecnológicas oferecidas para cada área de atuação. Na SEDIC eram apresentados trabalhos técnicos e havia também espaço para demonstração de outras habilidades dos alunos, inclusive musicais.

As atividades escolares incluíam também saídas pedagógicas para ampliação de conhecimentos dentro da própria capital e para outras localidades. As excursões para além da capital, com o intuito de levar os alunos a conhecerem outras realidades locais e culturas, também ocorriam anualmente no Colégio Comercial Visconde de Cairu. Um dos intuítos destas excursões, de acordo com a proposta pedagógica de 1985, era possibilitar aos alunos desfrutar de suas amizades fora do âmbito escolar, em passeios recreativos com um cunho de aprendizagem, acompanhados sempre por professores responsáveis.

A partir da década de 1980 o Colégio Comercial Visconde de Cairu já contava com uma sala de computação, voltada a atender os cursos regulares, a receber cursos extracurriculares de computação (posteriormente informática) e a receber membros da comunidade que quisessem ter contato com a tecnologia. Originalmente equipada com computadores CP-300, CP-500 e impressoras P500S Prologica, a sala foi se modernizando com o passar dos anos, tornando-se um pequeno centro de informática nos últimos anos de funcionamento do Colégio.

O ano de 1986 ficou conhecido como *o ano em que as pessoas olhariam para o céu* porque a passagem do Cometa Halley poderia ser vista com bastante

clareza no Brasil e este evento chamou muito a atenção dos jovens, público majoritário do Colégio. A fim de tornar este evento tão aguardado uma possibilidade de aproximar a escola e a vida dos estudantes, os diretores inauguraram um observatório no mirante no Viscai, e instalaram um telescópio. Desta forma alunos e professores puderam assistir à passagem do cometa e fazer outros estudos acerca da astronomia, especialmente nas áreas de ciências biológicas. O acesso ao observatório era também possível a estudantes de outras escolas que desejassem desenvolver atividades juntamente com seus professores, além de ser aberto à comunidade do entorno.

O Colégio Comercial Visconde de Cairu recebeu uma série de diplomas e homenagens de honra ao mérito por serviços prestados ao Ensino Comercial, por estar envolvido, nas pessoas de seus dirigentes e docentes, em diversas iniciativas para a expansão e melhoria do ensino profissional. Destacamos mais de uma dezena de homenagens recebidas nos Torneios Culturais do Ensino Técnico Comercial pela participação e contribuições prestadas, o recebimento do Troféu Águia de Haia por serviços prestados à comunidade paulistana e a outorga da Comenda Anchieta de educador ao Prof. João Gaidargi.

Considerações Finais

Registrar e estudar os movimentos de uma instituição escolar nos auxilia na compreensão de um período histórico por completo. A história da instituição escolar aqui documentada já se escreveu, sendo delimitada por seu tempo de duração em atividade, entretanto as histórias de muitos de seus personagens ainda se constroem dia-a-dia. O estudo da história do Colégio Comercial Visconde de Cairu, para além de documentar sua existência, permite compreender intersecções desta escola com o mundo enquanto atividade educativa. Juntamente com a história de uma instituição escolar registram-se, de maneira entrelaçada, muitas histórias e trajetórias.

A importância histórica e cultural demonstrada pela história da instituição, além da importância social de suas atividades, fica refletida em sua documentação histórica e nas falas de seus atores. As palavras de gratidão permearam as entrevistas feitas, o que, juntamente com as trajetórias bem-sucedidas descritas por alunos e professores, nos possibilitam a consideração de que a presença desta instituição escolar impactou, como era suposto, na sociedade paulistana daquele momento

histórico. As proposições pedagógicas foram ao encontro das necessidades sociais observadas. Os relatos bastante emocionados e positivos nos levam a crer que a experiência pedagógica proposta também foi bastante assertiva em sua existência social.

O encerramento das atividades escolares, conforme apurado, se deu por questões de ordem prática com o afastamento do diretor remanescente por motivos de saúde e, também, por questões de ordem histórico-educacionais, como o surgimento dos cursos tecnológicos em nível superior, que viriam a suprimir grande parte da procura pelos cursos técnicos em nível médio. A expansão da chamada Zona Leste da capital paulistana, acentuadamente marcada pelo aumento do corredor Radial Leste, também influenciou no encerramento de atividades escolares, visto que o acesso ao prédio ficou dificultado pelo entorno.

A história das instituições escolares é um campo em crescimento na área da pesquisa em educação. Sua relevância para que compreendamos melhor a história da educação como um todo tem sido bastante reconhecida. A partir do estudo da história de uma instituição específica e seus envolvidos pode-se abrir uma janela para ver, de um prisma mais apurado, a realidade educacional que a entorna. Atualmente este tema de pesquisa é significativo entre os educadores nos programas de pós-graduação em educação, considerando a instituição escolar, em seus diversos aspectos singulares, como um interessante e rico indicativo de todos os processos sociais que perpassam sua existência em determinada localidade, permitindo, a partir de sua própria história, o desenho de um panorama abrangente e plural de um determinado momento histórico.

Referências

GAIDARGI, Alessandra Maria Martins. Os imigrantes e o ensino comercial no Brasil: apontamentos sobre a influência dos imigrantes na origem dos cursos comerciais. *In: Anais do Anais do XI Colóquio de Pesquisa sobre Instituições Escolares*, Volume II, 27-28 nov. 2019; São Paulo. São Paulo: Universidade Nove de Julho; 2019. p.904-914.

GAIDARGI, João. **Horizontes da Educação Brasileira**. Coluna. Santos: A Tribuna, 1971.

_____. **Horizontes da Educação Brasileira.** Coluna. Santos: A Tribuna, 1980.

GATTI, Décio; INACIO FILHO, Geraldo. **História da educação em perspectiva:** ensino, pesquisa, produção e novas investigações. Campinas: Autores associados, 2005.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere. Volume 1.** Edição e tradução, Carlos Nelson Coutinho; coedição, Luiz Sergio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

_____. **Cadernos do Cárcere. Volume 2.** Edição e tradução, Carlos Nelson Coutinho; coedição, Luiz Sergio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. — Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

NOSELLA, Paolo. Ensino Médio: em busca do princípio pedagógico RL. **VI Colóquio de Pesquisa sobre Instituições Escolares.** LIPHIS, PPGE/UNINOVE, 2009.

NOSELLA, Paolo; BUFFA, Ester. **Instituições escolares:** por que e como pesquisar. Campinas: Alínea, 2013.

SANFELICE, José Luís. História das instituições escolares. In: NASCIMENTO, Maria Isabel Moura et all. **Instituições escolares no Brasil:** conceito e reconstrução histórica. Campinas: Autores associados: HISTEBR; Sorocaba, SP: UNISO; Ponta Grossa, Pr: UEPG, 2007.

Recebimento: 26/10/2021

Aprovação: 05/05/2022



Q.Code

Editores-Responsáveis

[Dr. Enéas de Araújo Arrais Neto](#), Universidade Federal do Ceará, UFC, Ceará, Brasil

[Dr. Sebastien Pesce](#), Universidade de Orléans, França